

## AS ESTRATÉGIAS UTILIZADAS NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DE LIBRAS POR CRIANÇAS SURDAS

THE STRATEGIES USED IN THE ACQUISITION PROCESS OF LIBRAS BY DEAF CHILDREN

LAS ESTRATEGIAS UTILIZADAS EN EL PROCESO DE ADQUISICIÓN DE LIBRAS POR NIÑOS SURDAS

Tania Vileró da SILVA<sup>1</sup> | Kate Mamhy Oliveira KUMADA<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente artigo apresenta informações referentes ao processo de aquisição tardia da Língua Brasileira de Sinais (Libras) pelas crianças surdas abordando suas principais propostas de ensino. A abordagem da pesquisa é de cunho qualitativo e utilizou o método de revisão bibliográfica. A Scientific Electronic Library Online (SciELO) foi usada para consulta de artigos produzidos nos últimos 15 anos. O objetivo geral foi investigar as produções científicas realizadas e divulgadas sobre a temática envolvendo as estratégias didáticas utilizadas pelos profissionais da área clínica e/ou educacional no processo de aquisição da Libras por crianças surdas. Esta busca resultou na ocorrência de 70 artigos, em que foram desprezados 59 desses, sendo aproveitadas 11 publicações em que as estratégias de ensino de Libras na educação infantil foram abordadas sob o enfoque: 1) no brincar na educação infantil; 2) no ensino de matemática com o apoio de Libras; 3) na interação com surdos; 4) no uso de recursos visuais; 5) na literatura e poesia sinalizada. A partir da análise dos dados, foi observada a importância dos recursos visuais como estímulo na aquisição de Libras pela criança surda e também da pedagogia visual. Por fim ressaltamos que há incipiência de produções nessa área.

**Palavras-Chave:** Língua Brasileira de Sinais. Aquisição de linguagem. Surdez.

**ABSTRACT:** This article presents information about the late acquisition process of the Brazilian Sign Language (Libras) by deaf children, bringing forward its main teaching proposals. The research approach is qualitative and used the method of bibliographic review. The Scientific Electronic Library Online (SciELO) was used to check in articles produced in the last 15 years. The general objective was to investigate the scientific productions made and disseminated on the theme involving the didactic strategies used by the professionals of the clinical and/or educational area in the acquisition process of Libras by deaf children. This search resulted in 70 articles, in which 59 of these were dismissed, being used 11 publications in which the strategies of Libras teaching in the education of children were approached under the focus on: 1) the act of playing in children education; 2) the math teaching with the support of Libras; 3) the interaction with deaf people; 4) the use of visual resources; 5) signaled literature and poetry. From the analysis of the data, the importance of the visual resources was observed as a stimulus in the acquisition of Libras by the deaf child and also of the visual pedagogy. Finally we emphasize that there is an incipience of productions in this area.

**Keywords:** Brazilian Sign Language. Language acquisition. Deafness.

**RESUMEN:** El presente artículo presenta informaciones referentes al proceso de adquisición tardía de la Lengua Brasileña de Signos (Libras) por los niños sordos abordando sus principales

<sup>1</sup> Especialista em Ensino de Libras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Licenciada em Pedagogia pelo Centro Universitário Estácio de São Paulo (ESTÁCIO). E-mail: tania\_viler@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutora em Educação Especial pela Universidade de São Paulo (USP). Professora Adjunta da Universidade Federal do ABC (UFABC). E-mail: kate.kumada@ufabc.edu.br

propostas de enseñanza. El enfoque de la investigación es de cuño cualitativo y utilizó el método de revisión bibliográfica. La Scientific Electronic Library Online (SciELO) fue utilizada para la consulta de artículos producidos en los últimos 15 años. El objetivo general fue investigar las producciones científicas realizadas y divulgadas sobre la temática envolviendo las estrategias didácticas utilizadas por los profesionales del área clínica y / o educativa en el proceso de adquisición de la Libras por niños sordos. Esta búsqueda resultó en la consecuencia de 70 artículos, en los que fueron despreciados 59 de ellos, siendo aprovechadas 11 publicaciones en las que las estrategias de enseñanza de Libras en la educación infantil fueron abordadas bajo el enfoque: 1) en el juego en la educación infantil; 2) en la enseñanza de matemáticas con el apoyo de Libras; 3) en la interacción con sordos; 4) en el uso de recursos visuales; 5) en la literatura y poesía señalizada. A partir del análisis de los datos, se observó la importancia de los recursos visuales como estímulo en la adquisición de Libras por el niño sordo y también de la pedagogía visual. Por último resaltamos que hay incipiente de producciones en esa área.

**Palabras Clave:** Lengua Brasileña de Señales. Adquisición de lenguaje. La sordera.

**Recebido em:** 31/01/2018

**Reformulado em:** 10/09/2018

**Accito em:** 11/09/2018

## INTRODUÇÃO

Preliminarmente, o presente artigo apresenta uma breve síntese referente aos desdobramentos da história da educação de surdos no Brasil e à aquisição de linguagem por crianças surdas, justificando a análise de estratégias de ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras), sistema linguístico reconhecido pela Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, como meio legal de comunicação e expressão das comunidades surdas do país (BRASIL, 2002).

A Libras foi regulamentada pelo Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, o qual determina às instituições de ensino em seu Art. 14 “II - ofertar, obrigatoriamente, desde a educação infantil, o ensino da Libras e também da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos” (BRASIL, 2005), garantindo assim uma educação bilíngue e respeitando as especificidades do aluno surdo.

No entanto, anteriormente, quando ainda não havia o reconhecimento da Libras e seu devido respeito, por muito tempo, os surdos não tiveram acesso ao aprendizado desse sistema linguístico, causando prejuízos para a sua educação.

De acordo com Quadros (1997), a educação de surdos no Brasil pode ser dividida em três propostas, a saber: o oralismo, o bimodalismo e o bilinguismo.

A primeira proposta compreendeu um período de hegemonia do oralismo, fundamentado na “recuperação” da pessoa surda, sob a perspectiva da “deficiência auditiva”. Nesse sentido, enfatiza-se a língua oral em termos terapêuticos, inibindo o uso da língua de sinais e desconsiderando abordagens relacionadas à cultura e à sociedade surda.

Moura (2015, p 22), relata que a proposta oralista “[...] traz graves consequências para os Surdos e afeta negativamente a compreensão acerca do cotidiano, a construção da identidade e a

internalização do ensino-aprendizagem”. Portanto, com isso é possível refletir sobre o papel do ensino e a forma como foi conduzida a aprendizagem da criança surda no passado.

Na segunda proposta conhecida como bimodalismo, bastante comum no Brasil durante as décadas de 1980 e início da década de 1990, permitia-se o uso da língua de sinais (ou de sinais isolados), mas servindo como o apoio no ensino da língua oral, em que se utilizava simultaneamente a fala e a sinalização, ou seja, inviabilizando o respeito à estrutura linguística, sobretudo sintática, da língua de sinais. Para Quadros (1997), esse sistema foi considerado artificial e inadequado, pois desconsiderava a língua de sinais e seus aspectos gramaticais, prejudicando e desestruturando também o português, podendo assim causar defasagem no ensino da criança surda, pois não permitia o uso adequado da Libras e tampouco do português, limitando as características linguísticas de ambas.

A terceira proposta, atualmente referendada pela comunidade surda e assegurada pelo ordenamento jurídico nacional, consiste no bilinguismo, em que na sua fundamentação preconiza o uso de duas línguas no contexto escolar, ou seja, considerando a língua de sinais como primeira língua do aprendiz surdo, sendo respeitado como sistema linguístico natural e que serve de apoio para o ensino da língua portuguesa, concebida como segunda língua das pessoas surdas.

Segundo a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo (SÃO PAULO, 2008. p. 10), em suas orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para Educação Infantil e Ensino Fundamental:

O Decreto Federal 5626, de 22 de dezembro de 2005, estabelece que os alunos surdos devam ter uma educação bilíngue, na qual a Língua Brasileira de Sinais é a primeira e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita, a segunda. Neste modelo, a Língua Brasileira de Sinais é a língua de instrução no sentido de que vai possibilitar o acesso ao conteúdo de todas as disciplinas, inclusive de Língua Portuguesa. Para isso, ela deve ser adquirida pelas crianças surdas o mais cedo possível, o que, em geral, vai se dar na escola, preferencialmente na interação com interlocutores surdos, usuários da Língua Brasileira de Sinais.

Nessa direção, quando iniciamos os estudos sobre o processo de aquisição de língua de sinais por crianças surdas, podemos compreender alguns desses processos. Para Quadros (2008, p. 59) “[...] na perspectiva inatista, há um componente da faculdade da linguagem na mente/cérebro da criança. A interação entre fatores ambientais e biológicos explica o uso que a criança faz da linguagem”, portanto os fatores do ambiente interferem no uso do indivíduo tanto em relação a sua compreensão e produção de linguagem.

Ainda citando Quadros (2008, p.46), a autora discute sobre o uso criativo da linguagem como sendo um aspecto do ser humano.

O uso criativo da linguagem é um aspecto fundamental da essência humana, e tal criatividade determina que o ser humano seja capaz de compreender e produzir uma sentença jamais ouvida anteriormente. Essa capacidade tomaria por base não somente

os sistemas fonético/fonológico e lexical da língua em questão, mas também, princípios da Gramática Universal.

Segundo Quadros e Cruz (2011), a língua de sinais é a língua acessada pelas crianças surdas de forma natural e espontânea, diferentemente da língua falada que exigirá desses sujeitos o atendimento clínico-terapêutico.

Nesse sentido, em concordância com Quadros (1997, p. 27):

Se a língua de sinais é uma língua natural adquirida de forma espontânea pela pessoa surda em contato com pessoas que usam essa língua e se a língua oral é adquirida de forma sistematizada, então as pessoas surdas têm o direito de ser ensinadas na língua de sinais. A proposta bilíngue busca captar esse direito.

Acredita-se assim que a educação de surdos necessita estar voltada à perspectiva na qual a língua de sinais é o apoio que os surdos necessitam, pois sua modalidade visual permite seu acesso à educação. Diante disso, compreende-se que, como relata a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo:

[...] a exposição da criança surda à língua de sinais vai possibilitar o desenvolvimento da sua capacidade de linguagem, a qual permitirá não só a socialização, a construção da realidade, o enriquecimento das suas experiências, o desenvolvimento cognitivo e acadêmico, mas também o crescimento da sua auto-estima, tanto individual como coletiva, identificando-se como surdo e como cidadão capaz. (SÃO PAULO, 2008. p. 27).

Por essa razão compactuamos com Sacks (1998, p. 44), ao defender que “a língua de sinais deve ser introduzida o mais cedo possível, senão seu desenvolvimento pode ser permanentemente retardado e prejudicado”. Sob esse prisma, para o sucesso educacional da criança com surdez, a mesma deverá receber estímulos por meio da língua de sinais desde a educação infantil. Como descreve Basso, Strobel e Masutti (2009, p. 4):

É importante lembrar que o ensino da LS [língua de sinais] é uma proposta com fins definidos: o aluno surdo que adquire e aprende a LS no início de sua escolarização – educação infantil e primeira etapa do ensino fundamental – é aquele que terá experiências e competência linguística suficiente para, não somente acessar o conhecimento, mas também transformar esse conhecimento de forma crítica e ativa. E mais do que isso: a língua de sinais é a língua por meio da qual as identidades surdas são constituídas e a cultura surda se manifesta.

Ramirez e Masutti (2009, p. 53) abordam o desenvolvimento cognitivo da criança surda, priorizando o suporte linguístico na língua de sinais ao defenderem a importância de “[...] saber propiciar a aquisição da Língua de Sinais à criança surda, antes de tudo como respaldo e principal instrumento para o desenvolvimento dos processos cognitivos, é o primeiro grande e indispensável passo a verdadeira educação deste indivíduo”.

É possível refletir sobre a língua de sinais também a partir da análise Campello (2007, p. 123) ao notar como:

Stokoe (1960) relata que “a Língua de Sinais adquiriu reconhecimento pelas características linguísticas. A concepção stokeana postula que, para uma língua ser considerada natural, ela precisa ser utilizada por uma comunidade, como meio de comunicação difusora de valores constituintes de uma identidade que os assemelha, e também devem existir falantes que a adquiriram como primeira língua”.

Com base no exposto, após a verificação da importância da Libras para as crianças surdas, julgamos pertinente problematizar o ensino desta língua, ou seja, quais os recursos e métodos têm sido utilizados. Desse modo, o presente estudo teve por objetivo geral investigar as produções científicas realizadas e divulgadas sobre a temática envolvendo as estratégias didáticas utilizadas pelos profissionais da área clínica e/ou educacional no processo de aquisição da Libras por crianças surdas.

Para isso, estabelecemos como objetivos específicos: 1) Realizar um levantamento bibliográfico de produções envolvendo a aquisição da Libras por crianças surdas nos últimos 15 anos publicadas na base de dados da *Scientific Electronic Library Online* (SciELO); 2) Verificar entre os periódicos localizados a presença de estratégias utilizadas por profissionais que lidam com o processo de aquisição de Libras por crianças surdas; 3) Identificar as estratégias de aquisição da Libras utilizadas por profissionais que lidam com crianças surdas, avaliando e reconhecendo as mais usuais; 4) Refletir sobre as tendências de pesquisas produzidas e divulgadas dentro da área da aquisição da Libras por crianças surdas nos últimos anos.

Esta pesquisa é importante para o meio acadêmico, pois permitirá uma análise sobre o processo de aquisição de Libras por crianças surdas, verificando quais estratégias têm sido utilizadas pelos profissionais que lidam com crianças surdas, identificando seus processos e divulgando o resultado, auxiliando assim os profissionais que lidam com esse público.

## **METODOLOGIA DE PESQUISA**

A pesquisa está pautada em uma abordagem qualitativa, pois investiga por meio de leitura de artigos científicos, o relato das práticas, estratégias utilizadas por profissionais que lidam com crianças surdas no processo de aquisição de Libras.

A abordagem qualitativa, por sua vez, abrange vários métodos. Nessa esteira, alinhamo-nos ao método da revisão bibliográfica. Segundo Severino (2002, p. 113), uma pesquisa de cunho bibliográfico tem a finalidade de “[...] informar o leitor a respeito das fontes que serviram de referência para a realização da pesquisa que resultou no trabalho escrito”. Neste trabalho há as indicações do caminho, fontes, e as consultas para a realização do estudo, para uma futura retomada e aprofundamento do tema ou revisão do trabalho.

A respeito da análise dos dados, cumpre salientar que nos guiamos pela análise de conteúdo, posto que segundo Bauer (2002, p. 190):

A análise de conteúdo é apenas um método de análise de texto desenvolvido dentro das ciências sociais empíricas. Embora a maior parte das análises clássicas de conteúdo culmine em descritores numéricos de algumas características do corpus do texto, considerável atenção está sendo dada aos "tipos", "qualidades", e "distinções" no texto, antes que qualquer quantificação seja feita. Deste modo, a análise de texto faz uma ponte entre um formalismo estatístico e a análise qualitativa dos materiais. No divisor quantidade/qualidade das ciências sociais, a análise de conteúdo é uma técnica híbrida que pode mediar esta improdutiva discussão sobre virtudes e métodos.

Assim, os dados foram recolhidos por meio de fichamentos, registrados conforme o ano de publicação e a presença do relato das estratégias, articulando os dados teóricos e buscando identificar as produções científicas dos últimos 15 anos envolvendo o tema de interesse.

Com o intuito de desvelar as produções teóricas referentes às estratégias de ensino de Libras, realizamos um levantamento de periódicos a partir do uso isolado e combinado de palavras-chaves, a saber: 1) aquisição de linguagem de crianças surdas; 2) aquisição de linguagem Libras; 3) aquisição de linguagem surdez; 4) ensino de Libras para surdos; 5) ensino de língua para surdos e; 6) ensino de língua de sinais para surdos.

A consulta pelas palavras-chaves foi realizada no período de 16 de abril de 2017 a 8 de maio de 2017 e abrangeu a busca por produções disponíveis na base de dados da SciELO.

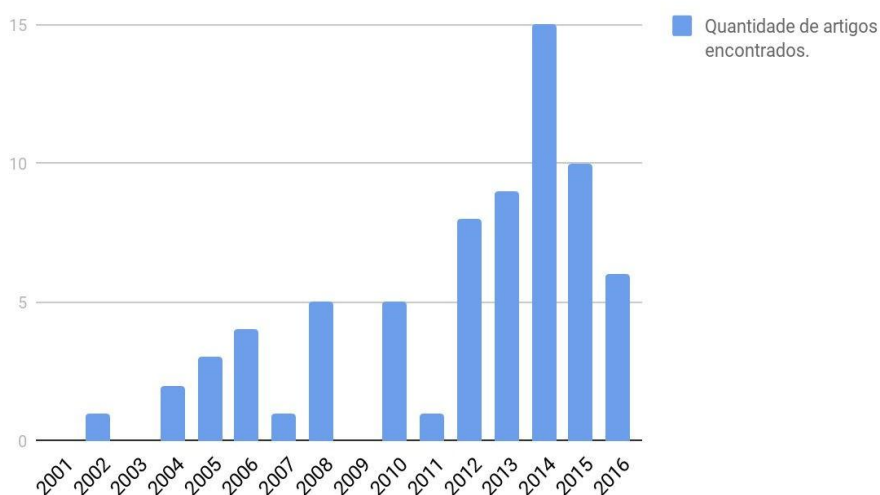
## RESULTADOS E DISCUSSÃO

No levantamento realizado foi identificada a ocorrência de 70 trabalhos cuja leitura de títulos, palavras-chave e resumos permitiu desprezar 59 produções em que havia temáticas incompatíveis com a presente pesquisa. Foram encontradas pesquisas na área de ensino de português para surdos, atendimentos e análises (testes e estudos) fonoaudiológicos, trabalho docente, trabalho do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais, análises históricas, ambiente escolar (inclusão), artigos com enfoque na aquisição tardia da Libras (surdos jovens ou adultos) e legislação, dentre outras temáticas.

A partir dessa análise, observamos que houve uma crescente demanda pela área de pesquisa referente à temática da surdez e educação surdos de acordo com o Gráfico 1, sendo identificada a ampliação do quantitativo de pesquisas referentes a surdez nos últimos cinco anos.



Gráfico 1 - Artigos sobre a educação de surdos localizados na base do SciELO.



Fonte: Base de dados do SciELO (2017)

Observamos também que foram encontrados poucos trabalhos referentes às estratégias utilizadas para o desenvolvimento da aquisição de Libras pela criança surda. A respeito desse fato, acreditamos ser em virtude de um processo histórico da educação de surdos, visto que o reconhecimento da Libras, ocorreu há pouco mais de 15 anos.

O levantamento no repertório do SciELO permitiu verificar a ocorrência de uma razoável quantidade de produções com enfoque no ensino e análise do processo de ensino de português e atendimentos fonoaudiológicos com ou sem o apoio da Libras.

Dentre as temáticas dos artigos localizados e selecionados, podemos destacar o brincar na educação infantil (MARTINS; ALBRES; SOUZA, 2015), o ensino de matemática com o apoio de Libras (SALES; PENTEADO; MOURA, 2015); a interação com surdos (DIZEU; CORPORALI, 2005; BOMFIM; SOUZA, 2010; GIAMMELARO; GESUELI; SILVA, 2013); o uso de recursos visuais (ARAUJO; LACERDA, 2008a, 2008b, 2010; ZERBATO; LACERDA, 2015) e; a literatura e a poesia sinalizada (MARTINS; OLIVEIRA, 2015; SUTTON-SPENCE, 2014).

Assim, com base no foco deste artigo, foram selecionados os 11 trabalhos supramencionados que apresentaram relação com a temática de ensino e/ou do processo aquisição da Libras dentre os quais constava o relato de estratégias de ensino. Dessa seleção, foi possível notar que houve maior ocorrência de trabalhos abordando a temática de recursos visuais (pedagogia visual) e o desenho, consubstanciando cinco dos 11 trabalhos, pois mesmo no ensino de matemática foi vislumbrado o concomitante incentivo ao uso de recursos visuais.

Os trabalhos selecionados foram organizados em cinco categorias temáticas de análise: 1) o brincar na educação infantil; 2) o ensino de matemática com o apoio de Libras; 3) a interação com surdos; 4) O uso de recursos visuais e; 5) a literatura e a poesia sinalizada.

## O BRINCAR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Acerca da temática “o brincar na educação infantil”, foi localizada somente a produção de Martins, Albres e Souza (2015), no qual foram abordadas as vivências de um projeto de escola polo bilíngue do interior do estado de São Paulo, em que o ato de brincar permitiu às crianças se apropriarem da cultura surda por meio da vivência do simbólico. Com base em Góes (2002 apud MARTINS; ALBRES; SOUZA, 2015), as autoras ainda defendem em tal estudo que atividade lúdica é fundamental no espaço escolar e para isso é primordial que haja adultos sinalizadores sob o fito de facilitar a aquisição de linguagem por crianças surdas. Entretanto, a experiência apresentada pelas autoras demonstrou não ser exitosa, posto que a aluna participante da pesquisa, apesar de ter o apoio de um adulto bilíngue, não possuía colegas surdos para interação nos momentos de brincadeira e de ensino-aprendizagem. Apesar disso, o brincar foi ressaltado como excelente estratégia de aquisição de linguagem para aprendizes surdos, pois viabiliza a aquisição da língua de sinais por meio de atividades significativas e lúdicas.

O estudo supracitado reforça a defesa de que a criança surda necessita de adultos surdos e de interação com pares surdos para que haja o fortalecimento da língua de sinais, da identidade e da cultura surda, tal como subscreve Skliar (2010) quando aborda sobre a importância dos processos culturais nos quais a criança surda precisa ser inserida. Nas palavras do autor:

As potencialidades, os direitos educacionais aos quais faço referência, são: a potencialidade da aquisição e desenvolvimento da língua de sinais como primeira língua; a potencialidade de identificação das crianças com seus pares e com adultos surdos; potencialidades do desenvolvimento de estruturas, formas e funções cognitivas visuais; a potencialidade de vida comunitária e de desenvolvimento de processos culturais específicos e, por último, a potencialidade de participação dos surdos no debate linguístico, educacional, escolar, de cidadania, etc. (SKLIAR, 2010, p. 26).

Na mesma direção, segundo Silva (2002, p. 22):

Partindo do pressuposto de que a motivação do brincar é guiada pela necessidade da criança em se apropriar do universo adulto e considerando o desejo essencial na configuração de temas lúdicos, pois a criança pode realizar, ao brincar, aquilo que é desejável, a brincadeira assume uma importância central no desenvolvimento afetivo e cognitivo do sujeito.

Ainda comentando sobre a temática brincar, esta ação permite que a criança crie contextos, interaja com outras crianças e adultos, aprenda de forma lúdica, sendo por meio dessa interação possibilitada a aquisição de linguagem. Nesse sentido, Rego (1995, p. 82), à luz dos ensinamentos de Vygostsky, relata tais características e necessidades da criança brincar para criar e recriar, considerando que nessa fase:

A criança passa a criar uma situação ilusória e imaginária, como forma de satisfazer seus desejos não realizáveis. Esta é, aliás, a característica que define o brinquedo de modo



geral. A criança brinca pela necessidade de agir em relação ao mundo mais amplo dos adultos e não apenas ao universo dos objetos que têm acesso.

Com isso, entende-se que a brincadeira favorece o aprendizado da linguagem, visto que permite à criança se envolver em um mundo ilusório em que tudo pode ser realizado, pode utilizar a imaginação e criatividade. Para Silva (2002), o brincar possibilita maior desenvolvimento da imaginação da criança, pois ela tende a realizar, no plano simbólico, as ações do mundo adulto.

## **O ENSINO DE MATEMÁTICA COM O APOIO DE LIBRAS**

A linguagem também foi abordada a partir contexto do ensino de geometria ao apresentar formas de lidar com o conteúdo a ser ensinado e as possibilidades de interação entre professor e alunos. Sales, Penteado e Moura (2015) relataram o envolvimento dos alunos em criar sinais para o uso em aula, pois não foram localizados nos dicionários da língua de sinais representantes para os conceitos trabalhados. A pesquisa ressalta a importância de recursos visuais e materiais que auxiliem os estudantes surdos, defendendo esses como facilitadores da aprendizagem por tratarem dos conteúdos com maior significação.

Nesse viés, foi encontrado apenas um trabalho sobre a temática (SALES; PENTEADO; MOURA, 2015), no qual também se observa um levantamento histórico sobre a inclusão e a legislação brasileira, relatando assim um estudo de caso sobre ensino de geometria, a educação matemática e os alunos surdos, destacando o papel do professor e dos elementos visuais, bem como relatando sua importância no momento da aula.

## **A INTERAÇÃO COM SURDOS**

Nossa revisão bibliográfica também refletiu a ocorrência de quatro artigos envolvendo a interação com surdos. Dizeu e Caporali (2005) relatam a importância da aquisição de Libras como primeira língua apresentando um estudo de caso com crianças gêmeas surdas e seus pais ouvintes. Os autores analisam os avanços das crianças ouvintes no processo da aquisição linguística, realizando comparações com crianças surdas que têm pais surdos. Já Bonfim e Souza (2010) se dedicam às questões referentes à abordagem interacionista, considerando a linguagem como foco de aprendizagem. O trabalho apresentou um estudo de caso com quatro crianças surdas em interação com suas professoras (sendo uma ouvinte e outra surda), colocando em evidência as mediações ocorridas pelos profissionais.

Por sua vez, Giammelaro, Gesueli e Silva (2013) e Bernardino (2014) refletem as diferentes abordagens da educação de surdos e as concepções de surdez, relacionando a linguagem e identidade surda, fazendo referência sobre o papel do instrutor surdo no processo de construção de identidade surda. Em Giammelaro, Gesueli e Silva (2013) foi realizado um estudo

de caso com crianças surdas de quatro a nove anos, analisando assim aspectos relevantes sobre o processo de aquisição de Libras. Todos os referidos trabalhos foram agrupados na categoria temática “interação com surdos”, na qual se destacou a relevância das experiências com surdos adultos e com a língua de sinais no processo de construção da identidade surda, salientando que a tríade linguagem/sujeito/identidade remete à conceitos intrinsecamente relacionados.

Segundo Basso, Strobel e Masutti (2009, p. 17, grifo dos autores):

Gládis Perlin (2004, p. 81) pesquisadora e educadora surda, afirma que “não se trata de uma pedagogia pronta, mas de uma pedagogia histórica que assume o jeito surdo de ensinar, de propor o jeito surdo de aprender, experiência vivida por aqueles que são surdos”. Para ela (2006), “*um jeito surdo de aprender requer um jeito surdo de ensinar*”.

A criança surda necessita ter contato com seus pares e adultos surdos para melhor aquisição de sua língua materna. Ademais, a respeito da presença de adultos surdos, Perlin e Rezende (2011, p. 8) denotam que:

Uma questão que também questiona na posição pós-moderna é a necessidade ou não da presença do professor como condutor de ensino. O caso dos surdos que aprendem entre os surdos, isto é, aprendem a cultura no povo surdo entra aqui. A importância da presença do professor surdo para a possibilidade de identificação cultural também é um dos pressupostos da pós-modernidade. Sem querer excluir o professor ouvinte, também enfatizamos a importância deste professor desde que ele possua interculturalidade, ou seja, tenha possibilidade de interagir com os alunos surdos em respeito a sua cultura surda, a sua língua de sinais.

Sob essa perspectiva, um ambiente escolar bilíngue com surdos adultos sinalizantes e crianças surdas interagindo é um ambiente apropriado ao desenvolvimento da criança surda, sendo assim considerado essencial para que haja o sucesso no desenvolvimento cognitivo e social. Por essa razão, devemos acreditar que quando oferecemos a oportunidade ao surdo de ser instruído pela língua de sinais que é natural, estamos respeitando suas especificidades linguísticas.

## O USO DE RECURSOS VISUAIS

A utilização de recursos visuais possibilita ao aluno surdo uma melhor compreensão do que está sendo ensinado, visto que a imagem pode evocar a compreensão de vários elementos sem ter nenhum enunciado exposto.

Uma reflexão que descreve bem o uso da imagem como estratégia facilitadora de ensino é proposta por Lacerda, Santos e Caetano (2013, p. 187):

Uma imagem suscita o leitor a reflexões de situações, da sociedade, que, ao mesmo tempo em que são captadas neste meio, são também reflexos da mesma, revelando elementos de exclusão social, consumismo, abandono, felicidade, entre outros de nossa sociedade. As imagens são documentos sociais bastante explorados pela mídia televisiva e jornalística, visto que as imagens impactam colaborando para a construção de julgamentos capazes de reconfigurar a opinião pública e os conceitos dos sujeitos. É

nessa direção que as possibilidades de leitura de imagens poderiam ser mais exploradas pela escola, na busca da construção de sentidos.

Ainda segundo Lacerda, Santos e Caetano (2013), para favorecer a aprendizagem do aluno surdo, não basta apenas apresentar os conteúdos em Libras, é preciso explicar os conteúdos de sala de aula utilizando toda a potencialidade visual que essa língua tem, empreendendo todas as características visuoespaciais da Libras.

A temática sobre a utilização e realização do desenho no processo de aquisição de linguagem pela criança surda foi identificada em quatro artigos, sendo três redigidos por Araújo e Lacerda (2008a, 2008b, 2010) e um por Zerbato e Lacerda (2015). Dentre esses artigos, três desses apresentaram relatos de análise de casos nos quais as crianças se expressavam por meio do desenho e o profissional utilizava este recurso para ampliação e estímulo à aquisição de linguagem pela criança. Havia também um artigo com embasamento teórico reflexivo sobre a temática.

Na pesquisa de Araújo e Lacerda (2008a), as autoras se ancoram na abordagem bilíngue, houve o incentivo ao uso prioritário da língua de sinais associado com atividades sígnicas, por meio de mediações semióticas, considerando o sujeito ativo e participante, em que a criança utiliza o desenho como forma de representação. As autoras referem que “ao desenhar, a criança está imersa no universo simbólico, universo simbólico este comum ao gesto, aos sinais e a escrita, pois ao desenhar, a criança relaciona-se aos signos, reflete sobre eles, aperfeiçoando-se nesta experiência.” (ARAÚJO; LACERDA, 2008a, p.187).

Nessa perspectiva, a criança surda aprende por meio de experiências visuais e imagéticas que vivencia, o desenho é uma esfera simbólica da linguagem. Com base nisso, no artigo, as profissionais observaram o interesse das crianças surdas manifestado por meio do desenho, auxiliando a conduzir o trabalho e favorecendo as trocas entre a terapeuta e o sujeito surdo (ARAÚJO; LACERDA, 2008a).

No contexto do segundo artigo de Araújo e Lacerda (2008b), além da terapia fonoaudiológica, havia também uma oficina de Libras com instrutora surda adulta fluente, com o objetivo de ampliar os conhecimentos dos interlocutores surdos nessa língua. Segundo as autoras, a instrutora participava eventualmente das sessões de fonoaudiologia, possibilitando a percepção de que a interação com a profissional surda, facilita e valoriza a aquisição da língua de sinais.

No processo das atividades com as crianças, estas assistiram ao filme “Rei Leão”. Dentre as estratégias, as autoras destacam que a instrutora chamava a atenção das crianças para observarem as cenas, explicando assim os episódios, por meio da língua de sinais. Após as crianças folhearem e explorarem os livros ocorria novamente a narração pela instrutora de Libras. As crianças dramatizavam algumas cenas e utilizavam miniaturas dos personagens e, em seguida, os alunos puderam se expressar por meio do desenho demonstrando assim a compreensão

simbólica. Além disso, as autoras ressaltam que durante essa estratégia houve interações (trocas) com os colegas (ARAÚJO; LACERDA, 2008b).

A análise da pesquisa permite observar que as atividades de aquisição da linguagem foram conduzidas de forma interacional respeitando as especificidades das crianças surdas, com o uso da imagem, filme, livro e língua de sinais. As crianças surdas puderam se expressar por meio do desenho, refletindo a prática da terapeuta e da instrutora surda e permitindo o contato e a aquisição da língua de sinais.

No artigo de Araújo e Lacerda (2010), intitulado “*Linguagem e desenho no desenvolvimento da criança surda: implicações histórico-culturais*”, as autoras relatam que o desenho é um facilitador no processo de aquisição de linguagem.

Por ser visto dessa maneira e ser um recurso visual com o objetivo de desenvolver a linguagem em uma língua visoespacial, considera-se que o trabalho com a esfera signica do desenho possa ser facilitador e propulsor do desenvolvimento social - portanto, também do desenvolvimento simbólico, significativo, interativo e cognoscitivo para a criança surda, constituindo-a como sujeito da/na/pela linguagem. (ARAÚJO; LACERDA, 2010, p. 701).

Neste sentido, as autoras relatam que o desenho pode se tornar uma ferramenta terapêutica ou pedagógica que possibilita trazer a criança para o mundo da língua e da linguagem. Quando a criança desenha está se expressando, interagindo com o profissional no momento de explicar o que realizou, possibilitando o uso da criatividade da criança, estabilizando significados e desenvolvendo a linguagem, possibilitando uma abordagem bilíngue que respeite as especificidades da criança surda (ARAÚJO; LACERDA, 2010).

Em sintonia com essa discussão, o artigo das autoras Zerbato e Lacerda (2015) também reforçou a importância do desenho como meio de interação e construção de atividade simbólica, aproveitando temáticas trabalhadas em sala de aula e o uso de recursos visuais.

## A LITERATURA E POESIA SINALIZADA

Nesta categoria temática foram incluídos dois trabalhos, sendo um sobre literatura (MARTINS; OLIVEIRA, 2015) e o outro referente à poesia sinalizada (SUTTON-SPENCE, 2014). O artigo de Sutton-Spence (2014) apresenta reflexões de professores-poetas e afirma que para que haja uma verdadeira educação bilíngue e bicultural é necessário que as crianças conheçam a arte surda e as poesias em língua de sinais.

Tal estudo apresenta a importância de poetas sinalizadores como professores, realizando constatações sobre a melhoria das habilidades linguísticas, descrevendo os efeitos da literatura na aprendizagem de uma língua. A respeito dos referidos estudos, é válido conferir o relato

deflagrado no artigo de Martins e Oliveira (2015), pois tais enunciados denotam a importância do contato com a literatura.

Desta forma, destacamos a importância da aquisição da língua de sinais desde cedo para um trabalho posterior com a literatura, e ainda, a necessidade de textos em Libras para facilitar o gosto pela leitura em sinais e o envolvimento com a estrutura literária. Por esses caminhos iniciamos nossa andança por meio da literatura e das estratégias visuais que achamos pertinentes para um desenvolvimento mais pleno e inclusivo para alunos surdos, para que seja produzido, primeiramente, o contato com tais textos literários na língua de sinais, e quem sabe esta atividade tradutória de aproximação cultural mova no sujeito surdo um gosto pela leitura em libras, e porque não, seu interesse pela obra original, uma atuação que busca uma proposta bilíngue baseada na perspectiva cultural (MARTINS; OLIVEIRA, 2015, p. 1044).

No artigo em que se fez referência à literatura surda, foi abordado um estudo de caso em que as crianças são inseridas em uma atividade tradutória realizada por um educador surdo, na utilização deste como imagem e modelo, e ainda foram gravados recontos da obra literária proposta (MARTINS; OLIVEIRA, 2015).

Algo que podemos destacar foi a condução da atividade proposta, posto que houve uma preocupação em observar se as crianças estavam conseguindo acompanhar a tradução. Por essa razão, foi adotada a tradução por meio do uso do *box* de língua de sinais livre no texto, ou seja, aparecendo ao lado do protagonista da cena, de onde constavam os textos escritos. Esse recurso facilitou a observação da sinalização, bem como as imagens próximas do tradutor, o tamanho vantajoso em relação à obra também favoreceu a sinalização (MARTINS; OLIVEIRA, 2015).

Podemos observar as estratégias utilizadas pelos executores do projeto como exitosas, pois permitiu uma atuação significativa dos alunos na construção de seus conhecimentos e na expressão de sua compreensão em Libras, bem como a contribuição de um modelo adulto surdo que enriquece sua sinalização ampliando seu repertório e seu universo imaginário.

Desse modo, compreende-se que o ato de contar histórias é algo passado de geração para geração e na comunidade surda não é diferente. Sobre esse assunto, Karnopp (2008, p. 7.) afirma que:

Contar histórias é um hábito tão antigo quanto a civilização. Contar histórias é um ato que pertence a todas as comunidades: comunidades indígenas, comunidades de surdos, entre outras. Contar histórias, piadas, episódios em línguas de sinais pelos próprios surdos é um hábito que acompanha a história das comunidades surdas. Cabe, então, coletar as narrativas que surgem nessas comunidades, para que não desapareçam com o tempo.

Com esse trabalho observamos a importância da visualidade e o tipo de tradução específica que necessitamos para atividades com crianças surdas, possibilitando estratégias visuais e utilizando as características do que se convencionou na área da educação de surdos denominar de pedagogia visual.

No bojo da pedagogia visual:

A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda, contada na língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais. O material, em geral, reconta a experiência das pessoas surdas, no que diz respeito, direta ou indiretamente, à relação entre as pessoas surdas e ouvintes, que são narradas como relações conflituosas, benevolentes, de aceitação ou de opressão do surdo. (KARNOPP, 2008, p. 14-15).

Para Choi et al. (2011), a literatura surda brasileira traz ao longo das gerações histórias vividas por comunidades surdas. Esta se multiplica em diferentes gêneros: poesia, histórias de surdos, piadas, literatura infantil, clássicos, fábulas, contos, romances, lendas dentre outras manifestações, retratando vida do surdo.

Ao utilizar a literatura surda o profissional que está atuando com os indivíduos surdos poderá explorar e valorizar a cultura e identidade surda, trazendo para a aula ou atendimento produções das comunidades surdas, corroborando com isso para a difusão de seus aspectos linguísticos, históricos, culturais e identitários.

Outro trabalho vislumbrado em nossa revisão bibliográfica foi o artigo com o título “*Por que precisamos de poesia sinalizada em educação bilíngüe*” (SUTTON-SPENCE, 2014), no qual se encontram relatos das reflexões de professores-poetas surdos do Reino Unido. Nesse artigo há o relato sobre a escassez de literatura sobre a temática poesia sinalizada, abordando também as várias habilidades linguísticas que podem ser desenvolvidas no surdo, desde que sejam bem conduzidos pelos profissionais.

Karnopp (2008, p. 16) descreve em seu estudo o uso criativo da língua de sinais no momento de sinalização, percebido como fonte de enriquecimento linguístico.

Assim como em outras línguas, a poesia em língua de sinais explora os recursos linguísticos para obter efeitos estéticos. A forma como os poemas são organizados, bem como os sentidos que se abrem a partir disso, fazem uma quebra com a forma que a linguagem é utilizada no cotidiano. Os poemas podem estar mais próximos ou mais distantes do uso que se faz com a língua de sinais no cotidiano, em geral, fazendo uma ruptura com a regularidade e tornando as formas linguísticas completamente criativas e novas. Há um uso criativo de configurações de mão, movimentos, locações e expressões não-manuais. O poema se abre para múltiplas interpretações e construções de sentidos.

Isso posto, a poesia em língua de sinais possibilita uma série de aprendizagens para as crianças surdas, pois explora a Libras (em sua sintaxe, semântica e pragmática) e ainda permite o contato com a literatura, a expressão e a reprodução artística.

Em consonância com Choi et al. (2011, p. 48):

[...] a poesia em língua de sinais, assim como a poesia em qualquer língua, usa uma forma intensificada de linguagem (“sinal arte”) para efeito estético. A linguagem, nos poemas, pode ser projetada de forma regular, uma vez que o poeta usa recursos e sinais já existentes na língua com excepcional regularidade, ou pode ser projetada de forma irregular, uma vez que as formas originais e criativas do poeta trazem a linguagem para o primeiro plano.



Os autores relatam que a poesia representa o empoderamento dos povos surdos, fortalecendo assim sua comunidade linguística. Essa ação ocorre pelo uso da língua ou expressão de ideias e significados.

Em suma, cumpre enfatizar que percebemos no campo da educação de surdos, recorrente difusão do uso da pedagogia visual e também da literatura surda, embora ainda haja poucos registros sobre as técnicas exitosas do uso desses recursos. A nosso ver, as metodologias relacionadas ao ensino de Libras precisam ser criadas e melhor divulgadas nas comunidades surdas. Há a necessidade de registro dessas práticas, algumas leituras sobre o assunto são meramente informativas, sendo a prática algumas vezes esquecida.

Destarte, as estratégias mais usuais no processo de aquisição de Libras por crianças surdas, localizadas em nossa revisão bibliográfica, foi o uso do recurso da imagem, utilizando, de certa forma, a pedagogia visual. Com isso, ao realizar nosso levantamento, observamos que há poucos trabalhos divulgando o processo de aquisição de Libras por crianças surdas e/ou que colocam em evidência as estratégias utilizadas, sendo boa parte das pesquisas realizadas por fonoaudiólogos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou identificar as estratégias de ensino de Libras, levantou questões referentes às propostas de ensino utilizadas com pessoas surdas em seu processo de aquisição linguística, trouxe pontos imprescindíveis à educação de surdos, seguindo como referência o respeito à cultura surda e suas especificidades. Nesse percurso, identificamos suas necessidades, a importância que a língua de sinais representa para o indivíduo surdo desde a infância e como deve ser conduzida sua aquisição por meio de interação com adultos e crianças surdas em um ambiente bilíngue de educação.

Os resultados da pesquisa denunciaram uma crescente demanda de interesse em abordar questões referentes ao indivíduo surdo e a língua de sinais nos últimos cinco anos. Entretanto, a nosso ver, ainda se faz necessária maior atenção na difusão de informações e conhecimento sobre o processo de aquisição de língua de sinais, descrevendo como ocorre, quais são os profissionais e o ambiente adequado, tal como os recursos e estratégias de ensino mais usuais nesse processo.

O desenho como fonte de expressão e interação e o uso da pedagogia visual em atividades que envolviam recursos visuais como, por exemplo, livros, filmes, ilustrações demonstraram ser de grande valia no processo de ensino de Libras. Assim, concluímos que o uso da língua de sinais não é suficiente para a aquisição linguística de crianças surdas, visto que, também, faz-se mister utilizar outros elementos que explorem o canal visual desses educandos.

## REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, C. C. M.; LACERDA, C. B. F. de. Examinando o desenho infantil como recurso terapêutico para o desenvolvimento de linguagem de crianças surdas. *Rev. Soc. Bras. Fonoaudiol.* São Paulo, v. 13, n. 2, p. 186-92, jun. 2008a. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-80342008000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-80342008000200014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 02 jun. 2017.
- ARAÚJO, C. C. M.; LACERDA, C. B. F. de. Esferas de atividade simbólica e a construção de conhecimento pela criança surda. *Rev. bras. educ. espec.*, Marília, v. 14, n. 3, p. 427-446, dez. 2008b. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382008000300007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382008000300007&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 17 abr. 2017.
- ARAÚJO, C. C. M.; LACERDA, C. B. F. de. Linguagem e desenho no desenvolvimento da criança surda: implicações histórico-culturais. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 4, p. 695-703, dez. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722010000400005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000400005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 9 jun. 2017.
- BASSO, I. M. de S.; STROBEL, K. L.; MASUTTI, M. *Metodologia de ensino de Libras – L1*. Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão, UFSC, 2009. Disponível em: <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL1/assets/631/TEXT0-BASE\\_SEM\\_AS\\_IMAGENS\\_.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/metodologiaDeEnsinoEmLibrasComoL1/assets/631/TEXT0-BASE_SEM_AS_IMAGENS_.pdf)>. Acesso em: 20 maio 2017.
- BAUER, M. W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Ed). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 189-217.
- BERNARDINO, E. L. A. O valor da interação na aquisição de uma língua de sinais. *Rev. bras. linguist. apl.*, Belo Horizonte, v. 14, n. 4, p. 769-798, dez. 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1984-63982014000400002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-63982014000400002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 maio 2017.
- BOMFIM, R. O. do; SOUZA, A. P. R. de. Surdez, mediação e linguagem na escola. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 21, n. 2, p. 417-437, jun. 2010. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-65642010000200010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642010000200010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 13 maio 2017.
- BRASIL. *Lei nº 10.436*, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a língua brasileira de sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF, 2002. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2002/110436.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm)>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- \_\_\_\_\_. *Decreto nº 5.626*, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de dezembro de 2000. Brasília, DF, 2005. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm)>. Acesso em: 10 jun. 2017.
- CAMPELLO, A. R. e S. Pedagogia Visual / Sinal na Educação dos Surdos. In: QUADROS, R. M. de.; PERLIN; G. P. (Orgs.). *Estudos Surdos II*. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2007. p. 100-132. Disponível em: <<http://editora-arara-azul.com.br/estudos2.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2018.
- CHOI, D. et al. *Libras: conhecimentos além dos sinais*. São Paulo: Pearson Prentice Hall. 2011.
- DIZEU, L. C. T. de B.; CAPORALI, S. A. A língua de sinais constituindo o surdo como sujeito. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 583-597, ago. 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/educ/soc/v26n91/p583-597.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302005000200014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302005000200014&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 27 abr. 2017.

GIAMMELARO, C. N. F.; GESUELI, Z. M.; SILVA, I. R. A relação sujeito/linguagem na construção da identidade surda. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 34, n. 123, p. 509-527, jun. 2013. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302013000200011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302013000200011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 3 abr. 2017.

KARNOPP, L. *Literatura Surda*, Florianópolis: Centro de Comunicação e expressão, UFSC, 2008.

LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos; CAETANO, J. F. Estratégias metodológicas para o ensino de alunos surdos. In: LACERDA, C. B. F. de; SANTOS, L. F. dos. (Org.). *Tenho um aluno surdo, e agora?* Introdução à Libras e educação de surdos. São Carlos: Edufscar, 2013. p. 185-200.

MARTINS, V. R. de O.; ALBRES, N. de A.; SOUSA, W. P. de A. Contribuições da Educação Infantil e do brincar na aquisição de linguagem por crianças surdas. *Pro-Posições*, Campinas, v. 26, n. 3, p. 103-124, dez. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-73072015000300103&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-73072015000300103&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 14 maio 2017.

MARTINS, V. R. de O.; OLIVEIRA, G. S. de. Literatura surda e ensino fundamental: resgates culturais a partir de um modelo tradutório com especificidades visuais. *Educ. Soc.*, Campinas, v. 36, n. 133, p. 1041-1058, dez. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73302015000401041&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302015000401041&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 jun. 2017.

MOURA, D. R. *Libras e leitura de língua portuguesa para surdos*. 1. ed. Curitiba: Appris, 2015.

PERLIN G. T.T. REZENDE, P. L. F. *Didática e educação de surdos*. Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão, 2011. Disponível em: <[http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/didaticaEEducaoDeSurdos/assets/489/texto\\_base\\_Didatica\\_2008.pdf](http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/didaticaEEducaoDeSurdos/assets/489/texto_base_Didatica_2008.pdf)>. Acesso em: 17 jan. 2018.

QUADROS, R. M. de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

\_\_\_\_\_. *Teorias de aquisição da linguagem*. Florianópolis: UFSC, 2008.

QUADROS, R. M. de.; CRUZ, C. R. *Língua de Sinais: instrumentos de avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.

RAMIREZ, A. R. G.; MASUTTI, M. L. (Orgs.). *A educação de surdos em uma perspectiva bilíngue: uma experiência de elaboração de softwares e a suas implicações pedagógicas*. Florianópolis: UFSC, 2009.

REGO, T. C. *Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995. (Educação e Conhecimento).

SACKS, O. *Vendo Vozes: uma viagem ao mundo dos surdos*. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SALES, E. R. de; PENTEADO, M. G.; MOURA, A. Q. A negociação de sinais em Libras como possibilidade de ensino e de aprendizagem de Geometria. *Bolema*, Rio Claro, v. 29, n. 53, p. 1268-1286, dez. 2015. Disponível em:

<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-636X2015000301268&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-636X2015000301268&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 22 abr. 2017.

SÃO PAULO (Município). *Orientações curriculares e proposição de expectativas de aprendizagem para a educação infantil e ensino fundamental*. Libras. Secretaria Municipal de Educação. São Paulo: SME / DOT, 2008. 128 p.

SEVERINO A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, D. N. H. *Como brincam as crianças surdas*. São Paulo: Plexus, 2002.

SKLIAR, C. Os estudos surdos em educação: problematizando a normalidade. In: SKLIAR, C. (Org.). *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 2010. p. 7-32.

SUTTON-SPENCE, R. Por que precisamos de poesia sinalizada em educação bilíngue. *Educ. rev.*, Curitiba, n. 2, p. 111-128, 2014. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40602014000600008&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40602014000600008&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 15 jun. 2017.

ZERBATO, A. P.; LACERDA, C. B. F. de. Desenho infantil e aquisição de linguagem em crianças surdas: um olhar histórico-cultural. *Rev. bras. educ. espec.*, Marília, v. 21, n. 4, p. 427-442, dez. 2015. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-65382015000400427&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-65382015000400427&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 abr. 2017.